

Bodas de mangue:
A trágica história da gringa mal servida

Ordep José Trindade Serra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SERRA, OJT. *O Encantamento de sua santidade: canção de fogo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2006. 114 p. ISBN 85-232-0424-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Bodas de manguê:
A trágica história da gringa mal servida



Eu vou contar uma história
Que se passou na Bahia:
Um caso internacional
Que a razão desafia.
Exige meditação
E muita filosofia.

Leitor, prepare a cabeça!
O assunto merece estudo.
É esgalhada a matéria,
Envolve um povo graúdo.
É um capítulo estranho
Da Crônica dos Cornudos.

Tem tragédia com suspense
Muito fogo de paixão
Cotovelo machucado
Desespero e frustração
Um espantoso romance
Que apavora o coração!

Incomoda a Confraria
Muito antiga e atual
Que dentre os machos humanos,
De acordo com a lei fatal,
Forma a maior legião
Da História Universal.

Apóia-se a dita cuja
Em outra Congregação
Mais delicada e formosa
De grande reputação
— Um exército de damas
De tudo que é condição.

Misturam-se as duas tropas
Sem ter alguém que as comande;
Mas elas não se dispersam:
A sua atração é grande!
— Se uma das duas cresce
A outra inda mais se expande.

Neste progresso infinito
Uma floresta se espalha
Em que a vergonha se perde
E a safadeza não falha:
Já dá pra cercar o mundo
Com sete cercas de galhas!

Os leitores podem crer
— Não façam tanta careta! —
A dupla instituição
É a mais velha do planeta:
No mundo de Deus tem corno
Desde que existe buceta.

Porém vou falar de um caso
Muito excepcional
Que discrepa do comum
Não segue a regra geral
Dialético e profundo
De base transcendental.

Na pensativa Alemanha
(Onde a história principia)
Os filósofos discutem
Sua grave antinomia
Que paradoxalmente
Assucedeu na Bahia.

Aviso logo ao leitor
Que a questão é complicada.
Pra nós, que somos caboclos
De uma terrinha atrasada,
Não é fácil entender
A gente civilizada.

O alto refinamento
Desse povo todo chique
Tem lá suas nove-horas
— Não vá me pedir que explique!
Pois também desbundam muito
Lá na Bundesrepublik.

Tudo começa em Berlim
Com um casal virtuoso
Comemorando entre beijos
Num diálogo amoroso
Cinquenta aninhos da esposa
Quarenta e cinco do esposo

Tomaram a decisão
— Depois da festa de amor —
De ir ao terceiro mundo
Em seu verão de esplendor
Gozar a tão proclamada
Beleza de Salvador.

A manhã em que chegaram
Respirava poesia.
Num bonito hotel de praia
Ficaram, com alegria
Desfrutando o panorama
Do belo mar da Bahia.

Foi aí que a boa Frau
Entabulou com o marido
Uma conversa esquisita
Que quase o deixa aturdido.
Mas por fim ela alcançou
Sucesso no seu pedido.

Foi quando esse bom germano
Todo feliz e contente
Perguntou a sua esposa
Das bodas concelebrante
Que presente ela queria
Ganhar, no dia seguinte.

Disse a Frau: “Já que ofereces
Ó querido esposo meu,
Vou te abrir meu coração
Que sempre será só teu
E revelar-te um desejo
Muito mais forte do que eu.

“Não te pedi por acaso
Pra visitar a Bahia...
Aqui, Você pode dar-me
Um tesouro de alegria
Fazendo realizar
Minha maior fantasia.

“Vou confessar a Você
Com grande amor e paixão
A fantasia que tenho,
Verdadeira obsessão:
Eu quero passar um dia
Trepando com um negão.

“Será uma dia somente!
Depois, juro pelo céu
Que volto para teus braços
Retomo a lua de mel
E como até hoje fui
Sempre te serei fiel!

“Dê-me uma prova de amor
Fazendo-me essa vontade
Pois isso acrescentará
A nossa felicidade
Ficarei agradecida
A ti, pela eternidade.

“Mas se eu não realizar
Minha única fantasia...
Eu juro por nosso amor:
Com forte melancolia
Vou logo morrer frustrada
Não terei mais alegria!”

O gringo, quando escutou
Da amada este juramento,
Sentiu um abalo grande
Quase que perde o alento
Seu rosto paralisou-se
Com a expressão de um jumento.

Por fim, recobrou a voz
E disse: “Ué, Meine Frau!
Você me disse loucuras
Ou eu é que te ouço mal?
Você me pede um presente
De bodas original!

“Eu sou tão feliz contigo!
Não vou querer que me enganem!
Em nossas bodas de prata
Que nossas almas se irmanem!
Não trouxe você aqui
Para trepar com Negonen!

“Então que presente é esse
Que eu darei a meu tesouro?!
Me peça roupas de seda
Jóias de prata e de ouro...
Não venha me dar a mim
Uma peruca de touro!

“Mapé com Liebfraumilch
Tomei para dar Tesão
Scheribiten, Katuaben
Combustíveis de Paixão...
E agora você deseja
Brindar-me com Traição?!”

A gringa sentiu-se logo
Muito ofendida e zangada
Retrucou a seu esposo
Com uma voz alterada
E as lágrimas pipocando
Pela cara esbraseada:

“Não me distorça a verdade
Marido! O que está falando?
Eu te abri meu coração
Meu desejo revelando!
Fui muito franca contigo...
Quem é que está te enganando?”

“Não me venha com sofisma
Nem se afaste da razão!
Com a lógica, pelo menos
Tenha consideração!
Onde há sinceridade,
Como pode haver traição?”

“Pense no caso direito!
A bela filosofia
Mostra que estou protegida
Pela inocência mais pia
— Pois quando se concretiza,
Dissipa-se a fantasia.

“A dialética é forte
— Você tem de concordar —
A essência do irreal
É não se realizar;
Se uma vez se realiza
O seu ser já não será.

“Logo, a transa com Negonen
É uma pura Negação
Que a si mesma anulará
Quando entrarmos em ação
Na verdade inexistindo
Pelos termos da razão.

“Homem cruel e avarento
Como você, nunca vi!
No dia das nossas bodas,
— Segundo já entendi —
Você me recusa até
O nada que lhe pedi!

“Eu vejo que seu problema
É um profundo egoísmo
Um orgulho primitivo
Temperado de machismo.
Sua atitude mesquinha
Entre nós cava um abismo!”

Vendo na cara da esposa
Que a coisa não era graça
(Saíam do seu nariz
Uns vapores de fumaça)
O gringo aflito rendeu-se
Àquela dura ameaça.

“Meine Frau, não diga isso!
Faço tudo o que quiser
Pra alegrar seu coração
Doa em mim o que doer!
Você terá seu presente...
Suceda o que suceder!”

A gringa, no que isso ouviu
Mudou o seu tom insano
Mostrou as jóias do riso
Como as teclas de um piano
E ao esposo retrucou
Com gorjeios de soprano:

“Agora sim, reconheço
Meu marido muito amado
Solidário, generoso
Verdadeiro, apaixonado!
Se um presente quer me dar,
Será muito apreciado!

“O brinde que lhe pedi
É uma coisa normal
Perfeitamente correta
Segundo a lei natural
De acordo com a medicina
Revigora, não faz mal!

“Tendo seu consentimento
Será um ato perfeito
Estribado na Justiça
Apoiado no Direito!
E ainda mostraremos
Que não temos preconceito!

“Por outro lado, eu confirmo
A ti minha fidelidade:
A um anônimo escuro
Só darei por caridade...
De eu me apaixonar por negro
Não há possibilidade!

Além do mais, moralmente
Tenho um desejo profundo
De me mostrar generosa
Aqui no Terceiro Mundo
Não precisas ter ciúmes
De um latino vagabundo!

“Ouça o que diz um poeta
Da nossa terra, meu bem:
Alle Menschen werden Brüder
Sein — os negões também!
Haverá algum aqui
Que me faça um vaivém...
Quero confraternizar
Nas graças de Deus, amém!”

O gringo se convenceu
Com essa argumentação
Que lhe fez sua mulher
Com muita ponderação
Pois ela invocou Moral
Direito e Religião.

E ele mesmo, que era mestre
Em Prática e Teoria
Mais uma motivo lhe deu
Pra fazer o que queria
Ponderando uma vantagem
Nos termos da Economia

Pois o ansiado presente
— Pelo seu modo de ver —
Neste Brasil da pobreza
Bem pouco era de valer
“Se a mão de obra é barata,
O pau também deve ser!”

Sua esposa concordou
E cheia de gratidão
Entregou-lhe totalmente
O comando da missão:
“Confio no seu critério:
Vá procurar-me o negão!”

Lá se foi o nosso herói
Muito aplicado, caçando
Um macho para a mulher
Que em casa deixou sonhando
— Para ver a coisa preta
Com zelo se preparando.

Por fim, no Porto da Barra
O gringo se achou servido:
Achou um crioulo forte
Elegante e bem vestido
Com jeito de ser um bom
Auxiliar de marido.

Chamou pra tomar um chope
O moço, e logo tratou
De lhe falar do assunto
Que até ali o levou.
Rapidamente o crioulo
Sua proposta aceitou:

“Mein Herr, é comigo mesmo!
Pode ficar sossegado.
Já vi que é homem de tino
Entende desse babado.
Sabe fazer uma escolha
Achar o mais preparado!

“Nem que passasse dois anos
Rodando pela Bahia
De norte a sul a buscar
Melhor não escolheria.
A sua sorte é perfeita!
É boa a estrela que o guia.

“Somente por ser sincero
Deixo a modéstia de lado:
Para tratar deste assunto
Eu já nasci preparado!
Fui, pela Mãe Natureza
Muitíssimo bem dotado.

“Eu sei que o bom instrumento
De rígida consistência
Não é a única coisa
Que importa nesta emergência;
Pra resolver o problema,
Também possui a ciência!

“Pois desde cedo me aplico
E nunca me saio mal
Tive um baita treinamento
De fato internacional:
Nessa orla da Bahia
Globalizei meu cacau.

“Treinei com damas francesas,
Senhoras italianas,
Tive mestras da Alemanha
Russas e belgas tiranas,
Sem falar das exigentes
Inglesas e americanas.

“Mas uma coisa confesso
(Pois sou um homem decente
E percebo que a franqueza
É a prova do competente):
Minha atual embalagem
É indigna do presente.

“A ocasião é solene:
Festeja-se um casamento!
Eu julgo de obrigação
Estar vestido a contento...
A fim de um banho de loja
Peço um adiantamento!”

O alemão, concordando
Recomendou: “Não esqueça!
Faça o serviço direito
E a recompensa mereça!
Bunsenfunken Zakanischen
E depois, desapareça!”

Acertaram logo a coisa.
Ficou tudo combinado.
O gringo disse à esposa
Como ia ser o riscado.
E afastou-se na hora
Que o negão tinha marcado.

Passou a manhã na praia
Feito um camarão no vinho
Almoçou num restaurante
Entocou-se num barzinho
Para esfriar a cabeça
Com as espumas do chopinho.

O negão foi pontual.
No hotel, depois do café,
Nua, de corda na mão
Já o esperava a mulher:
“Tome, querido! Me amarre
E faça o que bem quiser!”

O crioulo obedeceu
Que vinha pronto pro drama
Pegou a corda, e com jeito
Atou a gringa na cama.
Deixou-a toda ansiosa
— E logo mudou a trama.

Num instante achou um malote
Em que tratou de botar
Todo o dinheiro que viu
E a máquina de filmar
Cartões de crédito, jóias
Relógios e celular.

A gringa, muito espantada
Lhe disse: “O que está fazendo?
Pra que guardar essa tralha?
Bom tempo estamos perdendo!
Vem logo abusar de mim
Depressa, Negão horrendo!

“Estou à disposição
De teu instinto malvado!
No mais profundo vexame
Do corpo meu delicado
Pronta a sofrer o martírio
De meu amor desonrado!

“Na cama das minhas bodas
Eu devo ser violada
Por tua brutalidade
Ferozmente maltratada.
Não poderei reagir
Estou toda dominada!”

O preto olhou para ela
Sorrindo com mansidão
E fez uma reverência
Mostrando sua educação
Em voz suave, depois
Falou-lhe de coração:

“Que é isto minha senhora?
Sou homem de consciência!
Nunca bati em mulher
Não gosto de violência!
Para falar a verdade
Acho isso uma indecência!

“Violar esposa alheia
É um pecado medonho!
É crime que me apavora...
Cometo não, nem por sonho!
Se maltratei a senhora
Eu juro que me envergonho!

“Não faço o errado por gosto
Madama! Vou ser sincero:
Agir assim não me agrada...
Sucedo, porém não quero.
Pra lhe obedecer, já fui
Demasiado severo.

“Eu a amarrei nessa cama
Talvez causando-lhe dor;
Tirei-lhe um dia de sol
Nas praias de Salvador;
Roubei-lhe dinheiro e jóias...
Quer sacanagem maior?

“Vejo que é muito granfina...
Não posso me dar ao luxo...
Com dama de tal nobreza
Não vou queimar meu cartucho!
Gozo de bom apetite
Mas sou alérgico a bucho!”

Dizendo assim, o crioulo
Saiu pela porta afora
Levando o malote cheio
Deixando louca a senhora
Que se torcia na cama
Pior que uma caipora.

Passou-se a manhã e a tarde;
Já a noite havia caído
Quando, conforme com o trato,
Chegou-lhe ao quarto o marido
Que ao ver a cena medonha
Ficou muito estarecido.

“Você ainda na cama
Zoando com tal furor?
Negenen se recupera?
A festa não acabou?
É tão comprido o presente
Que o dia não lhe bastou?”

A gringa urrou-lhe de volta
Feito uma onça ferida:
“Kommen, corno desgraçado
Vergonha de minha vida!
Vem logo soltar os laços
De tua mulher traída!

“Ande depressa, Bichischen!
Não me atormente mais não!
Você é o grande culpado
Dessa má situação!
Eu esperava um tarado
Você mandou-me um ladrão!

“Eu quero vingança logo
Sem muita diplomacia:
Saia daqui, vá correndo
A uma delegacia
Denunciar o tratante
Que me deixou na agonia!”

O gringo atendeu depressa
A tudo que ela mandava.
A um delegado aturdido
Daí a pouco narrava
O que lhe tinha ocorrido;
Força de lei reclamava.

Porém não era uma coisa
Tão fácil de resolver
Custou que o homem da lei
Pudesse a queixa entender
E quando atinou com a história
Mal soube como fazer.

“Meus homens talvez consigam
Prender o tal do negão
No entanto, o caso é enrolado
Em termos de acusação
Será difícil pra nós
Mantê-lo aqui na prisão.

“Não dá pra falar de estupro
Que ele não fez a besteira.
Negar-se à fornicação
De qualquer modo e maneira
Não é um crime previsto
Em nossa lei brasileira.

“Registro a queixa de roubo.
Mas temo que esta raposa
Daí também nos escape
Com suas artes de prosa:
Alegará que seguiu
As ordens de sua esposa.

“O senhor mesmo confirma
O que falou sua mulher:
‘Amarre-me nesta cama
E faça o que bem quiser!’
O negro isso mesmo fez.
Quem pode contradizer?”

O alemão protestou:
“E o trato dele comigo?
É certo que o descumpriu
Mostrando-se um falso amigo!
Será que esse miserável
Não há de sofrer castigo?”

O delegado porém
Tornou-lhe, de imediato
“Tem o senhor testemunhas?
Pôs no papel o contrato?
Fez o registro em cartório?
Tirou as cópias no ato?

“Responda de boa fé
Usando de consciência:
Que multas estipulou
Em caso de inadimplência?
Se nada disso existiu,
De provas temos carência!”

O gringo lhe retorquiu
Muito vermelho e zangado:
“No entanto, o fato é que fui
Terrivelmente lesado:
O prometido não tive
Me sinto prejudicado!

“Um dia inteiro passei
Discreto a me preparar
Pra ser um corno perfeito
Daqueles de admirar
Já orgulhoso dos chifres
Que nem cheguei a usar!”

O delegado tornou-lhe:
“Eu sinto! Mas ora, vamos
Reconhecer as lacunas
Das leis pelas quais juramos:
É um caso de habeas corpus
— Que ainda não inventamos!”

Um preso, que atrás das grades
Ouvia essa discussão
Interrompeu a conversa
Tomado de compaixão:
“Saiba que estou solidário
Meu caro gringo alemão!

“Já viu como é a justiça
Que rege esses legalistas!
Temos, do lado de cá,
Um outro ponto de vista:
Deviam tratar melhor
Os nossos caros turistas!

“Nós cá não admitimos
A falha do seu contrato
Queremos lhe compensar
Agora mesmo, de fato
... Se o delegado nos der
A permissão para o ato!

“Basta que sua senhora
Nos faça uma visitinha...
Será muito bem servida!
Garanto, por honra minha,
Que sairá satisfeita
Com a festa na passarinha!

“Até que eu tire o atraso
Faremos grande viagem
Aqui, atrás dessas grades
Lhe dobro a quilometragem
Mostrando como se faz
A lei do peru selvagem!

“Ouvi dizer que a madama
O jogo duro aprecia
Gosta de uns catiripapos
E curte pancadaria...
Com um festival de sopapos
Garanto sua alegria!

“Assim Vossa Senhoria
Por fim será coroadado,
Com a máxima galhardia
Devidamente enfeitado
Voltando pra sua terra
Em muito melhor estado:

“Sua testa se elevará
Acima da maioria
Fazendo à Floresta Negra
Inveja sua galharia
E esquecerá o fracasso
Que padeceu na Bahia.”

O delegado irritou-se:
“Cale essa boca, mané!
Já chega de malandragem!
Ninguém aqui lhe dá fé!
A minha delegacia
Não vai virar cabaré!

“E quanto ao senhor queixoso
Sugiro que agora vá
De volta pra seu hotel
Sua mulher consolar
Na certa, o que os dois procuram
Um dia vão encontrar.”

Depois de ter o alemão
Dessa maneira partido
A seu amigo escrivão
Com a triste queixa aturdido
O delegado falou
Ainda compadecido:

“Amigo, também confesso
A minha admiração.
Da grande raça cornal
Já vi uma multidão
Julgava ter esgotado
A sua variação.

“Já conheci corno alegre
E triste, e resignado,
Indiferente e discreto
Serenos e apavorado
Religioso e ateu
Proclamativo e calado.

“Já vi do manso e do brabo
Do furioso e do frouxo
O pálido desmaiado
E o fulo com aquilo roxo
O mais estranho que vi
Foi hoje: esse corno mocho.

“Demorarei a esquecer
Sua cara de depressão
Pois ele esforçou-se tanto
Mostrou tanta devoção
Que, sem querer, lamentamos
A sua decepção.

“Porém eu tenho certeza
De que pra ele é fatal
Chegar ao alto destino
Tornado seu ideal.
O mais ligeiro dos cornos
Sustento que é o virtual.”

Leitores, aqui termino
Fazendo votos ao céu:
No amor há de ser feliz
Quem compra do meu cordel
Desfrutará do carinho
De sua amada fiel.

Aos outros desejo só
Que achem graça na festa
De seus galhardos amores
Enriquecendo as florestas
E lindos ramos de flores
Protejam as suas testas.

Assim seja!

